

Fernando Molica

Quem ameaça Moraes é o governo dos EUA

Ao solicitar a abertura de inquérito contra Eduardo Bolsonaro, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, erra propositadamente o alvo: quem ameaça complicar a vida do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, é o governo norte-americano. Como não pode processar Donald Trump, focou no deputado licenciado.

Foi o secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio, que afirmou haver uma grande chance de o governo Donald Trump usar a Lei Global Magnitsky para aplicar sanções contra Moraes.

Bastaria uma decisão administrativa para infernizar a vida do ministro, que seria impedido não apenas de entrar nos EUA como de possuir cartão de crédito de bandeira norte-americana — mais do que ser mandado pra Cuba, Xandão personificaria o país caribenho que, desde o início dos anos 1960 sofre um implacável bloqueio do poderoso vizinho.

É evidente que Eduardo, auto-exilado nos EUA, falseia infor-

mações sobre a atuação do STF, procura transformar em crimes medidas jurídicas e constitucionais tomadas para apurar a grave tentativa de golpe de Estado.

Ele faz questão de dizer que trabalha o tempo todo para tentar emplacar sua versão dos fatos e assim conseguir conseguir que uma potência estrangeira — a mesma que hoje dificulta exportações brasileiras — interfira em questões internas de seu país.

Chega a ser irônico que um dos representantes do grupo político que exalta a ditadura e torturadores se queixe de uma eventual falta de democracia no Brasil. Eduardo deturpa fatos, mas isso não configura coagir ou de embarçar uma investigação criminal: não comete crime, apenas exerce seu direito de es- pernear, o tal do “jus esperneandi”. Ele poderia ser processado, mas com base nos artigos que punem crimes contra a honra.

Em seu pedido de abertura de investigação contra o 03, o procurador-geral da República menciona artigo do Código Penal

que pune quem use de “violência ou grave ameaça” para coagir pessoas envolvidas em um processo. Eduardo também é citado como suspeito de embarçar a investigação “de infração penal que envolva organização criminoso”.

O PGR sequer descartou a possibilidade de enquadrar o comportamento do deputado licenciado como tentativa de abolição do Estado Democrático de Direito com emprego de violência ou grave ameaça.

Por maior que seja a identificação do trumpismo com o bolsorismo e por mais amplos que sejam os contatos de Eduardo com o governo norte-americano, ele não tem poder de dar ordens nem no guarda de qualquer esquina dos EUA. O deputado licenciado apenas agiu como um garoto contrariado que faz queixa ao pai — no caso, ao paizão Trump.

Quem ameaçou Alexandre de Moraes — e, por extensão, as instituições brasileiras — foi o secretário de Estado dos EUA. Ele, e não Eduardo, é que brandiu a nova versão do sempre renovado

e multifacetário Big Stick, o grande porrete renovado desde antes de Theodore Roosevelt.

A briga é com Rubio e, no limite, com Trump, não com o deputado licenciado. A tarefa, portanto, é do governo brasileiro, em especial, do sempre competente Ministério das Relações Exteriores. Cabe ao Itamaraty mostrar a legalidade do processo contra os responsáveis pela tentativa golpista.

Precisa evidenciar que a versão bolsonarista equivale à velha história do bandido que, ao ver frustrada seu crime, toma a iniciativa de gritar pega ladrão! para jogar na vítima a responsabilidade pelo que ele tentara cometer.

Ao focar em Eduardo, o PGR apenas reforça a ideia de perseguição, dá a ele o discurso de que até mesmo a denúncia de um suposto crime é capaz de gerar uma investigação no Brasil. Como bem disse o saudoso e genial Belchior (1946-2017), o deputado licenciado é, no caso, apenas o cantor. Não convém sacar a arma investigatória contra ele no meio do saloon.

Márcio Coimbra*

Ambiguidade Inaceitável

A recente visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Rússia levanta sérias preocupações quanto ao posicionamento do Brasil no cenário internacional. Ao se reunir com Vladimir Putin em meio à guerra na Ucrânia — um conflito desencadeado por uma invasão militar amplamente condenada pela comunidade internacional — Lula opta por ignorar os princípios democráticos e de autodeterminação dos povos que historicamente pautaram a diplomacia brasileira. A presença do líder brasileiro ao lado de um chefe de Estado amplamente considerado autoritário e responsável por crimes de guerra lança sombras sobre o compromisso do Brasil com os direitos humanos e com a ordem internacional.

Ao se aproximar de líderes como Putin, Lula reforça uma aliança simbólica com regimes que atentam contra liberdades fundamentais. Sua postura am-

bígua em relação à guerra na Ucrânia, marcada por tentativas de “equidistância” entre o agressor e o agredido, deslegitima o sofrimento do povo ucraniano e relativiza uma invasão armada de um país soberano. Ao não condenar com clareza e firmeza a violação territorial promovida pelo Kremlin, o presidente brasileiro passa a mensagem de que o pragmatismo geopolítico se sobrepõe aos princípios democráticos que deveriam guiar a política externa de qualquer nação que se pretende civilizada.

A visita também mina a credibilidade internacional do Brasil. Ao se colocar ao lado de ditadores e regimes autoritários — não apenas na Rússia, mas também em interações com governos como os da Venezuela, Nicarágua e Irã — Lula enfraquece o potencial do Brasil de atuar como mediador legítimo em crises internacionais. Países democráticos e alinhados

ao direito internacional veem com desconfiança essa postura dúbia, que enfraquece coalizões em defesa da paz e da justiça. O Brasil, que poderia ser uma voz influente pelo diálogo e pelo multilateralismo, se arrisca a ser percebido como conivente com agressões inaceitáveis.

Além disso, a escolha de Lula contrasta com o discurso que sustenta em outras frentes, como a defesa da democracia doméstica e a crítica ao autoritarismo de adversários políticos internos. Essa contradição desmoraliza sua retórica, enfraquece a confiança internacional em sua liderança e alimenta críticas legítimas sobre a coerência de sua política externa. A política internacional não pode ser um campo onde os princípios são negociáveis — especialmente quando estão em jogo vidas humanas, soberanias nacionais e o futuro da ordem global.

Em suma, a visita de Lula à

Rússia, sem uma crítica clara à agressão militar contra a Ucrânia, representa um retrocesso diplomático e moral. Ao lado de líderes autoritários, o presidente brasileiro se afasta dos valores democráticos e da solidariedade internacional com vítimas de regimes opressores. O Brasil precisa decidir se será um defensor da liberdade e da paz, ou apenas mais um ator disposto a sacrificar princípios em nome de interesses imediatos.

***CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia. Conselheiro da Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (Abrig). Cientista Político, mestre em Ação Política pela Universidad Rey Juan Carlos (2007). Ex-Diretor da Apex-Brasil e do Senado Federal**

Barros Miranda*

Diabetes e a qualidade de vida

O diabetes é uma doença crônica que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, mas nem todos sabem que existem diferentes tipos dessa condição. Os dois mais comuns são o diabetes tipo 1 e o diabetes tipo 2, e compreender as diferenças entre eles é fundamental para o diagnóstico precoce, o tratamento correto e a prevenção de complicações.

O tipo 1 geralmente aparece na infância ou adolescência, embora possa surgir em adultos jovens. Ele ocorre quando o sistema imunológico ataca as células do

pâncreas responsáveis pela produção de insulina, o hormônio que regula o açúcar no sangue. Como resultado, o corpo deixa de produzir insulina, o que exige o uso diário desse hormônio por meio de injeções ou bombas de infusão.

O diabetes tipo 1 não está ligado ao estilo de vida, e sim a fatores genéticos e autoimunes. Os sintomas costumam surgir de forma rápida e incluem sede excessiva, perda de peso, fadiga e vontade frequente de urinar. O tratamento é baseado na aplicação de insulina, alimentação balanceada e moni-

toramento constante da glicemia.

O diabetes tipo 2 é o mais frequente, representando cerca de 90% dos casos. Ele costuma surgir na vida adulta, mas tem se tornado cada vez mais comum em jovens e adolescentes, principalmente por causa da má alimentação, sedentarismo e obesidade. Nesse tipo, o corpo ainda produz insulina, mas as células desenvolvem resistência a ela, o que dificulta o controle da glicose no sangue.

O tratamento pode incluir mudanças no estilo de vida, como prática regular de exercícios fisi-

cos e dieta saudável, além do uso de medicamentos orais e, em alguns casos, insulina.

Apesar de terem o mesmo nome, o diabetes tipo 1 e tipo 2 são doenças diferentes em origem, tratamento e prevenção. Enquanto o tipo 1 exige uso de insulina desde o início e não pode ser evitado, o tipo 2 pode ser prevenido com hábitos saudáveis. A informação é uma poderosa aliada para lidar com o diabetes e promover qualidade de vida.

***Jornalista e historiador**

EDITORIAL

Chegou o momento do além-praia

O outono avança com suas cores e temperaturas amenas, abrindo caminho para o inverno que se aproxima. Com ele, muda o cenário turístico do país. O sol escaldante cede espaço ao charme dos dias frios, e o litoral, antes protagonista da alta temporada, dá lugar às montanhas, vales e cidades do interior. É tempo de explorar um Brasil menos óbvio, mas igualmente encantador.

As regiões serranas e os destinos turísticos do interior se preparam para viver seu auge. Locais como Petrópolis, Gramado, Campos do Jordão, Visconde de Mauá, Monte Verde e tantas outras joias espalhadas pelo território nacional passam a ocupar o imaginário dos viajantes que trocam o bronzeador pelo vinho, a areia pela lareira, e o biquíni pelo casaco. O frio se torna o novo protagonista do turismo.

Este é o momento de valorizar um Brasil que pulsa fora do verão, longe das praias. Um país diverso, que oferece experiências únicas entre montanhas cobertas de névoa, gastronomia de conforto, vinhos artesanais, cultura regional e hospitalidade acolhedora. Há charme nas pousadas rústicas, nos hotéis-fazen-

da, nos chalés escondidos entre as araucárias. É uma temporada que inspira não só o descanso, mas também a redescoberta de um turismo mais intimista, sustentável e afetivo.

O turismo de inverno movimenta economias locais, fortalece pequenos negócios e revela ao visitante uma face mais calma e contemplativa do país. São experiências que vão além do visual: são feitas de aromas, de sabores e da sensação aconchegante de um destino pensado para acolher. O frio aproxima, convida ao convívio, à boa mesa, ao tempo desacelerado — uma pausa bem-vinda diante da correria habitual.

A alta temporada agora se desenha em outra geografia. Cabe a nós, viajantes e formadores de opinião, prestigiar e incentivar esse movimento. O Brasil do frio também é caloroso — no atendimento, nos sabores, nas histórias. Que este inverno leve muitos turistas a novas rotas e faça com que percebam que o turismo nacional vai muito além das ondas do mar. Há um país inteiro por descobrir — e o frio é o convite ideal para isso. E claro, mais uma vez é o turismo contribuindo com a economia brasileira.

Custo em Brasília

A promessa de qualidade de vida em Brasília tem seu preço – e ele não é dos mais baixos. A capital, com seus eixos bem desenhados e monumentos de Niemeyer, aparece entre as cidades mais caras do Brasil, segundo rankings internacionais. Em 2025, a cidade ocupa a 179ª posição global no levantamento da consultoria Mercer. Pode parecer longe do topo, mas, para quem vive aqui, a conta chega todo mês como um lembrete: morar bem custa caro.

A moradia é o principal peso. Alugar um apartamento no Plano Piloto pode ultrapassar os R\$ 3 mil. Comer fora, abastecer o carro, pagar escola ou plano de saúde... tudo tem um valor que espanta, principalmente para quem chega de fora. Um almoço simples, em restaurante por quilo, pode passar dos R\$ 40. A gasolina beira os R\$ 6 (e, às vezes, mais). A mensalidade de uma escola particular pode ultrapassar R\$ 1,5 mil com facilidade e nem precisa ser na instituição mais renomada. E não adianta muito procurar refúgio nas cidades

satélites: mesmo com aluguéis mais acessíveis, os gastos com transporte, alimentação e ainda todo o tempo perdido no trânsito cobram um outro tipo de preço - o da saúde física e mental (que, talvez, seja mais caro que o preço do bolso).

A verdade é que Brasília foi pensada para 500 mil pessoas, mas hoje já são quase 3 milhões de habitantes. Muita gente se vira como pode. Enquanto isso, o mercado de trabalho no setor privado ainda engatinha e os salários nem sempre acompanham a inflação ou o padrão de vida que a cidade exige. O funcionalismo público ainda sustenta boa parte da economia local, mas nem todo mundo consegue uma vaga com estabilidade e bons benefícios.

Nas entrelinhas da cidade modelo, o custo de vida vai desenhando um DF dividido: de um lado, quem pode escolher onde morar, o que comer e como se deslocar; de outro, quem calcula centavo por centavo para fechar o mês. Para esses, morar longe do centro é a regra, não uma escolha.

Opinião do leitor

A arte está em luto

Uma notícia triste para a arte e cultura brasileira! Nos despedimos de Sebastião Salgado, deixando um legado incomparável na fotografia mundial. Seu olhar humanista e comprometido com causas sociais, ambientais e culturais seguirá inspirando gerações.

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: CONDE ZEPPELIN JÁ CHEGOU A NORONHA

As principais notícias do Correio da Manhã em 27 de maio de 1930 foram: Conde Zeppelin já

HÁ 75 ANOS: HUGO GOUHTIER É O NOVO CHANCELER DO BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 27 de maio de 1950 foram: Alemanha Oriental protesta na ONU contra a entrada da Alemanha Ocidental no Con-

atravessou a Ilha de Fernando de Noronha e está próximo de chegar ao Recife, cortando pela primeira

vez a Linha do Equador. Viagem de Julio Prestes aos EUA está quase parecendo uma comitiva presidencial.

rência Latino-Americana de Nutrição. Hugo Gouthier é o novo ministro das Relações Exteriores do Brasil. Câmara do DF continua sem número para iniciar os trabalhos.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.